

Audiação e Consciência Fonológica: contribuições para a aprendizagem da leitura e da escrita na Educação Infantil

Audiation and Phonological Awareness: contributions to learning to read and write in Early Childhood Education

Antônio César Machado da Silva
Grazielly Fraga dos Santos
Márcia Perini Valle
Vinicius Firme Scaldaferrro

480

Resumo: Este estudo trata sobre a Audiação e sua relação com a Consciência Fonológica como uma possibilidade de auxiliar o professor no processo de ensino-aprendizagem. O objetivo principal é investigar de que maneira a Audiação pode (ou não) beneficiar a Consciência Fonológica no processo de alfabetização dos estudantes. Para isso, realizou-se uma pesquisa-ação com: formação de profissionais da educação, questionário *on-line* e projeto de intervenção aplicado em uma turma de estudantes com 4 anos de idade, em uma escola de Educação Infantil da rede municipal de ensino de Linhares/ES. A análise dos dados foi realizada de forma qualitativa, à luz dos estudos teóricos. Dentre os resultados, destacam-se o pouco conhecimento que os profissionais da Educação Infantil têm em relação à Consciência Fonológica e à importância da música durante o processo de ensino-aprendizagem. Destaca-se também o benefício para a cognição e a coordenação motora. Então, conclui-se que audiar é benéfico ao processo da Consciência Fonológica, pois o processo de pensar os sons ocorre perfeitamente dentro dos exercícios fonológicos.

Palavras-chave: Audiação; Consciência Fonológica; Alfabetização.

Abstract: This study deals with Audiation and its relationship with Phonological Awareness as a possibility to assist the teacher in the teaching-learning process. The main objective is to investigate how Audiation can (or cannot) benefit Phonological Awareness in the students' literacy process. To this end, an action research was carried out with: training of education professionals, an online questionnaire and an intervention project applied to a class of 4-year-old students, in an Early Childhood Education school in the municipal education network in Linhares/ES. Data analysis was carried out qualitatively, in light of theoretical studies. Among the results the little knowledge that Early Childhood Education professionals have in relation to Phonological Awareness and the importance of music during the teaching-learning process stand out. The benefit for cognition and motor coordination also stands out. Therefore, it is concluded that Audiation is beneficial to the process of Phonological Awareness, as the process of thinking about sounds occurs perfectly within phonological exercises.

Keywords: Audiation; Phonological Awareness; Literacy.

Introdução

A fase da alfabetização é muito importante e complexa, pois é um processo de apropriação da tecnologia da escrita, condição necessária para o exercício pleno da cidadania. Nada mais é que um conjunto de habilidades que são necessárias para que o indivíduo consiga ler e escrever (Soares, 2022).



Um dos maiores problemas presentes na população brasileira é o analfabetismo. Segundo o IBGE (2023), a quantidade de pessoas acima dos 15 anos de idade considerada analfabeta até o ano de 2022 chegava a quase 11,5 milhões de pessoas. Já entre as crianças e, devido a pandemia do Coronavírus (entre 2019 a 2021), um levantamento realizado pela ONG “Todos Pela Educação” (2022) informa que houve um crescimento no número de crianças com 6 e 7 anos de idade que estão analfabetas: o número passou de 1,4 milhões em 2019, para 2,4 milhões em 2021.

Logo, reverter essa situação é de grande valia. Então, a proposta de se utilizar a Audiação em conjunto com a Consciência Fonológica desponta como uma possibilidade para auxiliar o professor durante o período da alfabetização na pré-escola. A partir dos estudos de Gordon (2015), surge uma nova oportunidade de se trabalhar a alfabetização com as crianças favorecendo, assim, o seu processo de ensino-aprendizagem.

“Audiação é um processo cognitivo pelo qual o cérebro dá significado ao som” (GIML, 2023), estando ele presente ou não. A Consciência Fonológica é a capacidade de analisar os sons que compõem a palavra, realizando a relação entre som/letra e letra/som.

Diante do exposto, o objetivo geral desta pesquisa é investigar de que maneira a Audiação pode (ou não) beneficiar a Consciência Fonológica no processo de alfabetização dos estudantes de quatro anos de uma escola de Educação Infantil da rede municipal de ensino de Linhares/ ES.

Os objetivos específicos são: levantar os conhecimentos que os profissionais da Educação Infantil possuem acerca dos conceitos de Audiação e Consciência Fonológica e suas contribuições para o processo de alfabetização; apresentar a Audiação como uma nova forma de entender a Consciência Fonológica dos estudantes em processo de aprendizagem da leitura e da escrita; promover estudo sobre Audiação e Consciência Fonológica para os profissionais da Educação Infantil, visando contribuir para a aprendizagem da leitura e da escrita nessa etapa; aplicar um projeto de intervenção com os estudantes de uma turma de quatro anos com sessões de Audiação.

Para alcançarmos esses objetivos, o estudo foi realizado por meio de revisão bibliográfica que nos deu embasamento teórico para a descrição e



compreensão dos temas presentes e uma pesquisa-ação, com formação de profissionais da educação, questionário *on-line* e plano de intervenção aplicado em uma escola de Educação Infantil da rede municipal de ensino de Linhares/ES.

Teoria da aprendizagem musical e o aprendizado da língua materna

A teoria da aprendizagem musical foi desenvolvida por Edwin E. Gordon. Ele nasceu em Connecticut -EUA, no ano de 1927 e faleceu em 2015, no estado de Iowa-EUA. Gordon elaborou, no decorrer de sua vida, uma grande quantidade de obras nas áreas de Educação Musical e Psicologia Musical (Freire; Silva, 2005).

Ao desenvolver a teoria da aprendizagem musical, seu propósito era ajudar o indivíduo no desenvolvimento da aptidão musical. Nesse processo, há uma mudança na preocupação pedagógica: é preciso saber como o aluno aprende para depois ensinar música (Oliveira, 2021).

A teoria da aprendizagem musical é uma explanação sobre como e quando aprendemos música. A maneira como aprendemos música é equivalente à forma de como aprendemos a nossa língua materna (Oliveira, 2021). Assunto que também é defendido pelo violinista, educador e filósofo Shinichi Suzuki (criador do Método Suzuki) o qual ressalta que devemos aprender música da mesma maneira que aprendemos a língua materna (AMS, 2024).

Nesse sentido, Caneca (2020, p. 8) corrobora com tal premissa ao afirmar que, ao desenvolver a teoria da aprendizagem musical, Gordon “[...] deu origem a uma nova e detalhada forma de entender como o cérebro aprende música e concluiu que os seres humanos aprendem música de forma semelhante a que aprendem a língua materna”.

A habilidade musical é inata a todo ser humano, mas necessita ser desenvolvida no ambiente em que se vive para que, através da audição, possa se desenvolver e contribuir para o desenvolvimento musical (Oliveira, 2021). Assim, uma criança necessita ouvir e estar inserida em um ambiente musical rico para que essa habilidade musical se desenvolva satisfatoriamente.



É, por meio da audição que o indivíduo, dependendo da intensidade, pode ouvir um som mesmo ele estando a uma distância considerável. Conforme Paiva (2019), alguns sons podem influenciar as ondas cerebrais, as [emoções](#), os batimentos cardíacos e até mesmo a respiração.

A audição é um sentido mecânico. As ondas sonoras fazem vibrar várias estruturas (pequenos ossinhos) em nossa orelha média e acabam provocando movimentos no líquido que temos dentro da cóclea. Esse movimento estimula receptores mecânicos na cóclea (as células ciliadas) que transformam a energia mecânica em elétrica, produzindo sinais elétricos que são carregados por neurônios a outras áreas do encéfalo (Tieppo, 2019, p.133).

483

Assim, ao compreender como as ondas sonoras são convertidas em sinais elétricos no cérebro, podemos entender melhor a interação entre os componentes físicos e neurais envolvidos na percepção do som.

Dessa forma, a audição necessita ser estimulada constantemente. Segundo Oliveira (2021), bebês que não possuem a possibilidade de ampliar seu vocabulário musical por intermédio da audição, têm suas células responsáveis por esse sentido atrofiadas e direcionadas para um outro sentido que é mais estimulado.

Enfim, trata-se de como as pessoas (particularmente as crianças) aprendem música e “[...] visa esclarecer e indicar diretrizes para que a aprendizagem de música aconteça de tal forma a estimular o desenvolvimento da audição nos alunos” (Caneca, 2020, p.8). De acordo com tal perspectiva, “[...] Audição é um processo cognitivo pelo qual o cérebro dá significado aos sons musicais; também é a capacidade de ouvir e compreender musicalmente quando o som não está fisicamente presente” (GIML, 2023).

Para Caneca (2020), Audição (*audiation*) é um termo que deriva da junção de duas palavras, “áudio” (*áudio*) e “ideação” (*ideation*). O termo áudio remete ao som produzido, escutado, presente em qualquer atividade musical. O termo ideação faz parâmetro com a capacidade de projetar ações no intelecto (chamamos essas ações de ideias). O referido autor afirma, ainda, que para Vygostsky, essa capacidade de projetar ações no intelecto se encontra mais desenvolvida no ser humano do que em qualquer outro ser vivo influenciando no desenvolvimento da linguagem.



A audição tem lugar quando assimilamos e compreendemos na nossa mente a música que acabamos de ouvir e executar, ou que ouvimos executar em um momento passado. Também procedemos a uma audição quando assimilamos e compreendemos música que podemos ou não ter ouvido, mas que lemos em notação, compomos ou improvisamos (Gordon, 2015, p.16).

Estamos sempre escutando os sons ao nosso redor, porém, são poucos sons que nos fazem concentrar e parar para audiar. Executamos o processo de Audição várias vezes ao dia e quase a todo instante, da mesma forma que pensamos o que vamos falar ou escrever. Quando ouvimos alguém falar, escutamos os sons e processamos em nosso cérebro para adquirirmos significado daquilo que acabamos de ouvir.

Podemos dizer, de um modo geral, que o processo de audiar é análogo ao processo de pensar. Assim, aquele se refere a aprender por meio das nossas próprias habilidades aurais e compreender a função do som (Gordon, 2015). Dessa forma, atribui-se significado para a música igual ao processo de pensar e atribuir significado à fala.

Assim, quando conversamos com alguém, tudo que escutamos conseguimos dar um significado, pois recordamos e fazemos ligações com o que já ouvimos em momentos passados. E, assim, vamos antecipar e tentar prever o que iremos ouvir a seguir com base nas nossas experiências e compreensões.

Quando se escuta a música, auditivamente, percebe-se os sons e, assim, após um breve período de audição, faz-se a Audição. Audiar a música enquanto a escuta é a mesma coisa que fazer uma tradução simultânea. Cada pessoa, ao audiar, pode ter compreensões diversas, pois cada ser é único. Se falar um mesmo assunto para duas pessoas distintas, cada uma tiraria dessa conversa significados diferentes em relação ao que possuem de conhecimento prévio e experiência sobre um determinado assunto (Gordon, 2015).

A mesma situação ocorre quando escutamos e audiamos a música. Cada indivíduo possui uma interpretação distinta. A música pode ter significados emocionais diferentes, pois pode levar a lembranças e experiências vividas por cada um (Sloboda, 2008).



O som em si mesmo não é música. O som só se converte em música após o processo de Audiação. Na linguagem, os sons são traduzidos para dar significado à fala, já os sons audiaados dão significado à música.

Consideremos a linguagem, a fala, e o pensamento. A linguagem é o resultado da necessidade de se comunicar. A fala é o modo como comunicamos. O pensamento é aquilo que temos para comunicar. A música, a execução e a audiação têm significados paralelos. A música é o resultado da necessidade de comunicar. A execução é o modo como a comunicação ocorre. A audiação é o que é comunicado (Gordon, 2015, p.19).

Essa comparação da aprendizagem da língua com a da música foi criada por Gordon (2015) para fundamentar a teoria da aprendizagem musical e nos mostrar que o ser humano pode aprender de forma semelhante as duas.

De acordo com Caneca (2020), mesmo aprendendo de maneira similar, Gordon (2015) nos relata que a música não é uma língua, pois não tem gramática e/ou palavras. Ao invés disso, ela possui sintaxe. Mediante o exposto, Sloboda (2008) corrobora com o autor e nos traz três aspectos constituintes para fomentar a relação entre linguagem e a música:

[...] a fonologia – uma maneira de caracterizar os sons de uma determinada língua; a sintaxe - as regras que dispõem sobre o mundo como as unidades sonoras são combinadas; e a semântica – a maneira como os sentidos é atribuído as sequências sonoras (Sloboda, 2008, p.31).

Juntos, esses três aspectos desempenham papéis cruciais na nossa comunicação, pois estão interconectados na nossa linguagem. Os autores admitem os aspectos fonológicos e semânticos da música e, segundo Caneca (2020), a sintaxe musical ganha um destaque maior, pois necessita de um maior aprimoramento dos indivíduos para que estes audiem a música em sintonia.

Dessa forma, assim como uma criança pode proferir sílabas sem sentido e repetir frases em língua estrangeira sem saber o seu real significado, também podem aprender uma música de cor. Ou seja, sem realmente assimilar o seu significado musical, sem compreender a sintaxe da música. Essas crianças estão a imitar e não a audiar (Gordon, 2015).



A imitação é como utilizar uma folha de papel transparente para fazer um desenho; já audiar seria visualizar o desenho e fazê-lo depois. A imitação “[...] faz parte do desenvolvimento humano” (Oliven; Faria; Damo, 2020, p.12). E essa situação é bem perceptível nas crianças, pois elas têm uma capacidade de imitação muito mais forte. Um exemplo seria um grupo de crianças em uma apresentação musical, na qual somente algumas cantam a música de cor.

A audiação é uma questão de aptidão musical. Contudo, facultando às crianças o conhecimento e as experiências apropriadas, podemos ensinar-lhes como devem audiar, isto é, como devem usar seu potencial de audiação determinado pela sua aptidão musical, maximizando o seu desempenho musical. (Gordon, 2015, p.17).

Nesse sentido, para o desenvolvimento da Audiação, é de suma importância que a criança esteja inserida em um ambiente musical rico e variado, onde são estimulados a ouvir, audiar e cantar de várias maneiras aprimorando, assim, o seu potencial de Audiação (Oliveira, 2021).

O processo de audiar beneficia a percepção dos sons, quando pensamos o som ao invés de simplesmente fazê-lo de cor, guardando-o em nossa mente. Logo, a busca pelo desenvolvimento da Audiação se torna importante não só para que a criança desenvolva a aptidão musical, mas para aprimorar a sua consciência fonológica (Gordon, 2015).

Consciência Fonológica e o processo da alfabetização

Você já parou por um instante, deparou-se perdido em seus pensamentos refletindo que tudo que fala é pensado e processado antes? Pensamos, escrevemos, falamos e planejamos tudo isso mentalmente; pensamos até o que deixamos de falar e tudo isso fazemos mecanicamente.

Esse processo do qual faz uso da linguagem possui duas dimensões: produção e processamento. Para que a produção aconteça, o indivíduo deve conhecer os fonemas da língua e como utilizá-los de forma ordenada para formar palavras. Já o processamento por intermédio de um *input*¹ sonoro nos possibilita entender o que dizemos e ter uma ideia do que pensamos (Cardoso, 2020).

¹ Nas mesas de som, “*input*” é toda e qualquer forma de entrada de sinais de áudio no equipamento.



Além disso, tudo o que escrevemos representa um som. A combinação de vogais e consoantes formam sílabas que se juntam para formar palavras e, assim, frases, empregando sentido a alguma coisa. Ao fazermos isso, possuímos a Consciência Fonológica bem desenvolvida.

A Consciência Fonológica é uma das dimensões ou habilidades da “consciência metalinguística” a qual, para Mota e Castro (2007, p.171), “[...] é a habilidade de refletir sobre a linguagem como objeto de pensamento”.

As habilidades da consciência metalinguística são metatextuais; metassintáticas; metamorfológicas e metafonológicas. A Consciência Fonológica está inserida nas habilidades metafonológicas. O referido autor nos diz que, ao utilizarmos a língua escrita, simultaneamente, usamos essas variadas habilidades (Morais, 2023).

Na década de 1980, a concepção de Consciência Fonológica e a sua relação com o processo de alfabetização começou a disseminar em outros países. Aqui no Brasil, conforme Morais (2023, p.39), “[...] os primeiros trabalhos a tratar do tema parecem ter sido aqueles desenvolvidos por Terezinha Nunes Carraher e Lúcia Browne do Rego (1981)”.

Somente, então, após esses estudos, começaram a dar a devida importância de que a criança, para compreender o sistema de escrita alfabético, necessita desenvolver a segmentação de palavras e a sensibilidade aos sons aprimorando, assim, a Consciência Fonológica (Soares, 2016).

Mas o que é a Consciência Fonológica? Segundo Barrera e Maluf (2003, p.492):

De forma genérica, o termo consciência fonológica tem sido utilizado para referir-se à habilidade em analisar as palavras da linguagem oral de acordo com as diferentes unidades sonoras que as compõem. Operacionalmente, a consciência fonológica tem sido estudada a partir de provas visando avaliar a habilidade do sujeito, seja para realizar julgamentos sobre características sonoras das palavras (tamanho, semelhança, diferença), seja para isolar e manipular fonemas e outras unidades suprasegmentares da fala, tais como sílabas e rimas.

Sendo assim, trata-se de uma habilidade muito importante no desenvolvimento da linguagem, em especial, na alfabetização e no desenvolvimento da leitura e escrita.



Para Soares (2022, p.77): “[...] consciência fonológica é a capacidade de focalizar e segmentar a cadeia sonora que constitui a palavra e deferir sobre seus segmentos sonoros, que se distinguem por sua dimensão: a palavra, as sílabas, as rimas, os fonemas”.

Dessa forma, a Consciência Fonológica é uma habilidade que envolve a percepção e manipulação de vários níveis de unidades sonoras na linguagem.

E conforme Costa (2012, p.16): “A consciência fonológica encontra-se no contexto da consciência linguística e configura-se como a capacidade que o ser humano possui de refletir e manipular as unidades fonológicas (sílabas, as unidades intrassilábicas e os fonemas)”.

Como podemos observar, os diferentes conceitos apresentados nos mostram pontos em comum: a capacidade de analisar os sons que compõem as palavras. Pensando assim, precisamos entender a ligação entre a simbologia escrita com o som que esse código linguístico representa. Parece menos complexo, mas só para quem já é alfabetizado. Letras, principalmente as vogais, possuem sons diferentes dependendo da forma como são empregadas nas palavras, como por exemplo, o “A” de Ana é diferente do “A” de Amélia.

Essa diferença da sonorização da vogal “A” e tantos outros sons que temos dentro do nosso código de escrita são difíceis de compreensão e podem assinalar diferenças no significado. Uma criança pode chegar ao nível de escrever silabicamente² e escrever uma letra para cada sílaba. Mas essas letras escolhidas podem não ter nenhuma relação com o som no caso os fonemas presentes na sílaba. Isso mostra que ela “[...] ainda não adquiriu a capacidade de fonetização - a capacidade de perceber, nas sílabas, sons individuais (fonemas) representados pelas letras que o compõem. É uma escrita silábica sem valor sonoro”³ (Soares, 2022, p.87).

O desenvolvimento da Consciência Fonológica está ligado à aprendizagem da relação entre os sons e as letras. No primeiro momento, a criança aprende que a palavra é uma cadeia sonora, que é representada por

² Segundo Ferreiro e Teberosky (1999), a criança passa por cinco hipóteses de escrita durante o processo de alfabetização, a saber: pré-silábico; silábico; silábico-alfabético e alfabético.

³ Silábico sem valor sonoro é um dos níveis da hipótese silábica, conforme Ferreiro e Teberosky (1999).



um segmento de letras, compreendendo que existe uma diferença entre significante e significado, que é a apropriação da consciência lexical.

Depois, a criança torna-se capaz de segmentar a cadeia sonora de palavras em sílabas e representa essas palavras por um conjunto de letras, adquirindo a consciência silábica. E, por fim, há a identificação de fonemas nas sílabas e os representa por letras, consciência fonêmica (Soares, 2022).

Conforme Soares (2022), esses são os níveis da Consciência Fonológica: consciência lexical – a palavra é uma cadeia de sons e os segmentos das palavras podem ser iguais, como aliterações⁴ e rimas; consciência silábica – a palavra pode ser segmentada em sílabas; e consciência fonêmica – as sílabas são constituídas por pequenos sons (os fonemas).

Por mais que estejam divididas em três níveis, tudo se resume no entendimento da Consciência Fonológica que se associa à aprendizagem das letras. Dentro desse aspecto, a consciência lexical está relacionada à compreensão do princípio alfabético. Algumas crianças possuem dificuldades em prestar atenção na cadeia sonora das palavras. Sendo assim, para essas crianças que estão na fase inicial e têm a escrita na fase das garatuñas, rabiscos, sequência de letras, precisam de atividades voltadas para a aquisição de atenção nos sons das palavras, trabalhando rimas e aliterações (Soares, 2022).

O indivíduo que está no nível da consciência silábica, conforme Almeida (2018, p. 37) é capaz “[...] de manipular as sílabas para elaborar palavras”. Alves (2009) explica que há evidências de que a criança está nesse nível quando conta a quantidade de sílabas ao bater palma, inclui ou exclui uma sílaba e inverte a ordem delas.

A consciência fonêmica, segundo Almeida (2018, p.39), “[...] é considerada a habilidade que exige maior nível de Consciência Fonológica, pois se trata da capacidade de manipular as menores unidades de som de caráter distintivo na elaboração de uma palavra- fonemas”. Então, a criança que demonstra estar nesse nível de consciência fonêmica é capaz de

⁴ A aliteração é uma figura de linguagem que consiste na repetição de fonemas consonantais. Observe os exemplos abaixo: “A brisa do Brasil beija a balança.” Note a repetição do fonema /b/ (Sartel, 2024).



[...] segmentar uma palavra nos diversos sons que a compõem; juntar sons separados, isolados, de modo a formar uma palavra; identificar e enumerar palavras que acabam ou terminam com o mesmo som de uma outra palavra; e excluir sons de uma palavra para formar outras palavras existentes na língua, dentre outras habilidades (Alves, 2009, p.44).

Dessa forma, para que a criança chegue ao princípio alfabético, o desenvolvimento dos níveis necessários de Consciência Fonológica (consciência lexical, silábica e fonêmica) se dá de forma contínua, ou seja, desenvolve-se por meio de um processo de complexidade gradativo (Almeida, 2018).

Em um estudo realizado por Capovilla e Capovilla (2000), foi desenvolvido um procedimento de intervenção para treinar a Consciência Fonológica, buscando o melhoramento da alfabetização de crianças com baixo índice econômico. Esse estudo apresentou um bom resultado evidenciando que treinos de Consciência Fonológica e de correspondência grafo-fonêmicas⁵, demonstram eficácia em melhorar os desempenhos em tarefas de Consciência Fonológica. O estudo também mostrou que o ganho não foi só na área fonêmica, mas também na área de leitura em voz alta e escrita sob ditado.

Dessa forma, esse estudo corrobora com a afirmação de Pestun e outros (2010, p.97), pois ele nos diz que:

[...] a criança que é capaz de refletir sobre os sons da fala terá mais facilidade de associar esses sons às letras, adquirindo o princípio alfabético. Desta forma, o desenvolvimento da consciência fonológica tem sido frequente e consistentemente relacionado ao sucesso da aprendizagem da leitura e da escrita.

Sendo assim, salientamos a relevância de se trabalhar, desenvolver e aprimorar a Consciência Fonológica em crianças na fase da alfabetização “[...] devido a sua significativa interferência positiva no processo de aquisição da língua escrita” (Almeida, 2018, p.40).

Metodologia

⁵ Correspondência grafo-fonêmicas define as relações de correspondência entre letras (grafemas) e sons (fonemas) (Silva, 2024).



A proposta de utilizar a Audição de forma a contribuir para a Consciência Fonológica dos estudantes desponta como uma possibilidade para o professor durante o processo da alfabetização na pré-escola⁶. A partir dos estudos de Gordon (2015), surge uma nova oportunidade de se trabalhar a alfabetização com as crianças favorecendo, assim, o seu processo de ensino-aprendizagem.

Este estudo foi realizado por meio de revisão bibliográfica que nos deu embasamento teórico para a descrição e a compreensão dos temas presentes e pesquisa-ação em uma escola de Educação Infantil da rede municipal de ensino de Linhares/ES.

No ambiente escolar, as crianças já realizam o processo de cantar, quando os professores trabalham músicas com elas diariamente e alguns estudantes fazem esse processo de audiar sem, ao menos, saber que estão audiando. Esses estudantes podem ser beneficiados sem perceber.

Para a comprovação dos benefícios que a Audição pode (ou não) proporcionar para a Consciência Fonológica, foi realizada uma pesquisa-ação para a investigação e demonstração dos dados. A pesquisa-ação "[...] é uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática" (Tripp, 2005, p.447).

Para isso, foi criado um projeto de intervenção para ser desenvolvido na escola pesquisada. Dentre as ações previstas no projeto de intervenção, foi realizada uma formação para todos os profissionais da educação presentes na escola sobre Audição e a Consciência Fonológica e sessões de Audição em uma turma de 4 anos do turno vespertino.

O intuito da formação passada aos profissionais é que eles pudessem utilizar de um novo saber para as suas práticas em sala de aula e, assim, o projeto de Audição e Consciência Fonológica pudesse ser prorrogado para fins futuros.

Adotou-se também como ferramenta principal de coleta de dados um questionário aplicado aos profissionais da escola que participaram da formação oferecida. O questionário é útil, pois nos permite ter um maior alcance do

⁶ A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) define o termo pré-escola para atendimento de crianças de 4 e 5 anos (Brasil, 1996).



objeto. Questionário pode ser definido “[...] como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores [...]” (Gil, 2008, p.121).

Marconi e Lakatos (2017) nos apresenta vantagens e algumas limitações sobre a utilização dessa técnica em pesquisas. Algumas vantagens são: economiza tempo, viagens e obtém grande número de dados; economiza pessoal, tanto em treinamento quanto em trabalho de campo; há mais tempo para responder e em hora mais favorável. E algumas limitações, tais como: percentagem pequena de devolução de questionários; grande número de perguntas sem respostas; inaplicação a pessoas analfabetas.

Então, por ser uma técnica de fácil acesso, optamos por utilizar o questionário *on-line* para saber o nível de conhecimento dos profissionais sobre os conteúdos ministrados na formação. Após esse momento, iniciaram-se as sessões de Audição.

Porém, antes de iniciarmos as sessões, foi solicitado à professora regente o diagnóstico⁷ realizado por ela com os seus estudantes para que, ao finalizarmos as sessões, comparássemos com um novo diagnóstico.

Essas sessões com uma turma de estudantes com 4 anos de idade ocorreram semanalmente durante dois meses, sendo 20 encontros no total. Todos os encontros foram observados e devidamente anotados em um caderno de registros, contendo informações como: dia, duração, música e as observações em relação ao desenvolvimento dos estudantes durante as sessões.

Resultados e discussões

A pesquisa foi realizada em uma escola de Educação Infantil da rede municipal de ensino de Linhares/ES, situada no bairro Novo Horizonte. A instituição possui 51 anos de trabalho, atendendo crianças de um 1 a 5 anos de idade, sendo 137 estudantes no turno matutino e 156 no turno vespertino,

⁷ Diagnóstico é um instrumento essencial para os processos de ensino e aprendizagem da palavra escrita, uma vez que é o diagnóstico que permite identificar os estágios de aprendizagem dos alunos em leitura e em escrita, visando à delimitação das intervenções mais adequadas (Rocha, 2024).



somando 293 crianças no total. Essa escola foi selecionada por ter um grupo de profissionais que buscam inovar e aceitam novas propostas de projetos que possam contribuir e facilitar o processo de alfabetização.

Em um primeiro momento, foi apresentada a proposta do projeto para a equipe gestora. Ao aceitá-la, foi encaminhado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a participação no referido projeto.

A partir daí, foi criado um projeto de intervenção por meio da Coordenação de Pesquisa e Extensão da Faculdade de Ensino Superior de Linhares (Faceli) e, por meio do Edital Nº 047 de 03/04/2024, foram disponibilizadas vagas para os profissionais de educação que atuam na referida escola para a participação no projeto “Audiação e Consciência Fonológica: contribuições para o ensino-aprendizagem de crianças em processo de alfabetização”.

A formação sobre “Audiação e Consciência Fonológica” foi ministrada por nós pesquisadores no dia 13 de março de 2024, para todos os profissionais da educação (professores, monitores, pedagoga, coordenadora de turno e diretora) do turno vespertino do referido CEIM.

O projeto certificou os profissionais que participaram da formação, praticaram a Audiação com os estudantes durante o período de intervenção realizada pelos pesquisadores e entregaram um relatório sobre a atividade realizada na turma.

No dia da formação, primeiramente, foi realizado um questionário, via *Google Forms*, contendo 9 perguntas (sendo 5 questões fechadas e 4 questões abertas) com o intuito de compreender o conhecimento dos presentes sobre a Audiação e a Consciência Fonológica.

Dos 18 participantes da formação, apenas 10 responderam ao questionário proposto. Questionados se possuem algum conhecimento ou já ouviram falar algo sobre Audiação, todos responderam que não tinham tal conhecimento. Isso pode demonstrar que a Audiação não é um termo comum utilizado na educação e que o seu conceito ainda não faz parte do conhecimento geral.

Em relação se possuem algum conhecimento ou se já ouviram falar sobre a Consciência Fonológica, apenas 30% responderam que sim, enquanto 70% afirmaram que não possuíam tal conhecimento. Esse alto percentual de



negativa demonstra que a Consciência Fonológica ainda está se inserindo na educação e também assinala uma oportunidade para sensibilizar e conscientizar os professores sobre o seu conceito.

Com vistas a permitir uma melhor compreensão dos resultados, os dados foram organizados em categorias analíticas, agrupando as respostas em dois ou três grupos. Dessa forma, os que responderam afirmativamente conhecer sobre Consciência Fonológica foram instigados a descreverem o que entendem sobre isso ou darem um exemplo do seu uso na prática. Dividimos em dois grupos.

O primeiro grupo entende que a Consciência Fonológica é uma aptidão, como se observa na resposta: “Habilidade de manipular os sons da fala”.

Já o segundo grupo compreende que há uma necessidade de entendê-la como funciona na prática. Observe as respostas dadas: “Quando se compreende a letra através do som da pronúncia de cada letra”. “É a consciência de que as palavras são constituídas por diversos sons ou grupos de sons e que elas podem ser segmentadas em unidades menores”.

Sendo assim, as respostas relacionam Consciência Fonológica aos sons e indicam uma compreensão da capacidade de perceber, manipular e compreender os sons da fala na linguagem. Essas respostas estão em conformidade com os conceitos dos autores pesquisados.

[...] consciência fonológica é a capacidade de focalizar e segmentar a cadeia sonora que constitui a palavra e deferir sobre seus segmentos sonoros, que se distinguem por sua dimensão: a palavra, as sílabas, as rimas, os fonemas (Soares, 2022, p.77).

Então, as crianças não precisam saber conceituar Consciência Fonológica, mas precisam compreender o seu uso na prática.

Outra questão abordada no questionário foi sobre de que maneira a Consciência Fonológica pode ajudar no processo de alfabetização. Aqui as respostas foram divididas em três grupos.

Os profissionais do primeiro grupo não possuem nenhum conhecimento, como demonstram em suas respostas: “Não tenho como saber pois não conheço o conceito de Consciência Fonológica”. “Entendimento do aluno”. “Nada a declarar”.



No segundo grupo, os profissionais entendem que possui benefícios, mas sem uma ligação concreta entre Consciência Fonológica e alfabetização, como podemos observar: “Por meio da memória, do reconhecimento de mundo, dos sons adquiridos no decorrer de sua vivência”. “Favorecendo a oralidade e a ampliação do vocabulário”. “Sim”.

Já o terceiro grupo conseguiu fazer uma ligação de como a Consciência Fonológica ajuda no processo de alfabetização. Observemos suas respostas: “Auxilia as crianças a lembrarem os sons das palavras e a pensarem sobre eles”. “O trabalho com a consciência fonológica contribui para o refinamento do processamento auditivo da criança e, com isso, ela desenvolve, por meio da escuta, a capacidade de discernir e identificar os diferentes sons da fala”. “Logo que se compreende o som produzido pela letra, a alfabetização ocorre de maneira mais rápida”. “Auxiliando as crianças a se conscientizarem dos sons das palavras, compreendendo que as palavras são compostas de sons (fonemas)”.

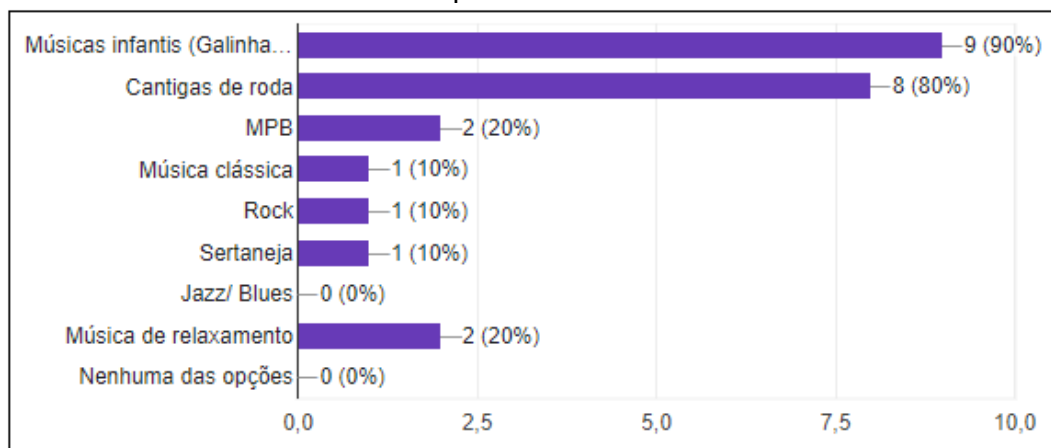
Os resultados nos indicam que há uma maior variedade de formas relacionados ao não domínio da Audição como visto acima.

Algumas respostas obtidas demonstram que o profissional não está familiarizado com o termo, outras conseguem destacar benefícios, mas sem expressar um conhecimento profundo. Outras ainda destacam a importância de se trabalhar a Consciência Fonológica no processo de alfabetização e demonstram entender esses benefícios. Essa análise é condizente com a afirmação de Pestun e outros (2010, p.97), em que “[...] a criança que é capaz de refletir sobre os sons da fala terá mais facilidade de associar esses sons às letras, adquirindo o princípio alfabético”.

Ao questionarmos sobre se, como professor regente em sala de aula, tem o costume de utilizar e cantar músicas com sua turma, 90% responderam que muito frequentemente, enquanto 10% afirmaram que frequentemente. Instigados a citarem quais estilos musicais cantam ou ouvem com a turma, as respostas foram variadas conforme o gráfico 1.



Gráfico - Estilos musicais que mais cantam ou ouvem com a turma



Fonte: Dados da pesquisa 2024.

Esse gráfico nos mostra a realidade de muitas instituições, nas quais as músicas mais ouvidas/cantadas são as músicas infantis e as cantigas de roda. Os profissionais da educação também podem ouvir e cantar com seus estudantes outros estilos musicais, pois a criança necessita estar inserida em um ambiente musical rico, variando estilos, tons, métrica para que, assim, a capacidade de audiar se desenvolva satisfatoriamente (Gordon, 2015).

Sobre como a música ajuda no processo de alfabetização de um estudante, 80% entendem que a música ajuda muito; enquanto 20% afirmam que ajuda no processo de alfabetização dos estudantes. Os profissionais foram instigados a justificarem suas respostas e essas foram divididas em três grupos.

O primeiro grupo aponta a música como processo que auxilia a compreensão, como se observa em suas respostas: “Estou trabalhando o projeto Alfabeto Musical há dois anos e percebi que os alunos sentiram mais facilidade em compreender as atividades desenvolvidas”. “Ajuda a compreensão”.

Já o segundo grupo salienta que ela possui diversos benefícios cognitivos e motores. Vejamos o que disse: “A música proporciona ao aluno concentração, movimento, memória”. “Acredito que auxilia a tornar a memória mais eficiente e diminui problemas na fala”. “A criança pode aprimorar sua atenção e dicção”. “Música cativa a atenção da criança e é de fácil memorização, fazendo com a letra da música possa ser usada para os conteúdos necessários em sala de aula”. “A música possibilita trabalhar as emoções, proporciona interação, desenvolve a oralidade, amplia o

vocabulário”. “Na aprendizagem, apropriação e domínio de novas palavras, enriquecendo o seu vocabulário”.

E o terceiro grupo diz que a música acelera o processo de aprendizagem e a alfabetização. Podemos comprovar isso em suas respostas: “Por meio da música, é possível trabalhar a oralidade, escuta e ritmo, repertório de palavras, com isso, facilita a inserção dela em um ambiente letrado e, conseqüentemente, sua alfabetização é mais rápida”. “Pois com ela eles podem aprender mais rápido”.

Essas respostas demonstram que a música auxilia na concentração das crianças, nas emoções, na escuta e no ritmo e as ajuda, também, na aprendizagem, tornando esse processo mais prazeroso.

Com essas respostas coletadas, concluímos que a música deve ser trabalhada com intencionalidade pedagógica. A musicalização infantil na escola é uma ferramenta poderosa que desenvolve “[...] além da sensibilidade à música, fatores como: concentração, memória, coordenação motora, socialização, acuidade auditiva e disciplina” (Chiarelli; Barreto, 2005, p.6).

Além disso, a música também está presente no Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI), que nos traz orientações metodológicas para a Educação Infantil. As atividades musicais atendem, segundo o RCNEI “[...] a necessidade de expressão que passam pela esfera afetiva, estética e cognitiva” (Brasil, 1998, p.48).

Durante a formação, os professores se mostraram bastante atenciosos. Percebemos isso em relação ao fato de que não houve conversas paralelas e eles fizeram perguntas pertinentes ao conteúdo.

Foi realizada uma dinâmica em que os profissionais deviam audiar a introdução de algumas músicas para, no final da formação, nos dizer se conheciam a música ou não. Depois da explanação do conteúdo sobre “Audiação e Consciência Fonológica”, tivemos uma atividade prática e realizamos o exercício de audiar, utilizando um objeto para nos auxiliar.

No final, tivemos um *feedback*⁸ dos participantes e um deles ressaltou: “Entendi que a Audiação, nós já fazemos em sala de aula, mas não conhecíamos o termo técnico correto. Foi muito bom participar dessa palestra

⁸ **Feedback** significa **realimentar** ou *dar resposta* a um determinado pedido ou acontecimento (Enciclopédia Significados, 2024).



para aperfeiçoar a nossa prática e perceber que há criança que aprende e há criança que imita o outro. Essa é a diferença”.

Foram realizados 20 encontros na turma, com sessões de Audição e duração de 10 a 15 minutos, no período entre 15 de março e 23 de maio. Optamos por iniciar com músicas que eram familiares para as crianças, como por exemplo, “Borboletinha⁹”. No início das sessões, tivemos algumas dificuldades, tanto em relação ao comportamento da turma quanto em relação ao processo de audiar. Optamos por organizar a turma em um círculo e trocar o objeto que utilizamos para nos auxiliar.

Nas duas primeiras sessões, usamos uma caixa com tampa como objeto (ao abrir a caixa, os estudantes deveriam parar de emitir som e cantar a música mentalmente – audiar – e, ao fechar, elas deveriam voltar a cantar emitindo som). Porém, notamos que era necessário um objeto que chamasse mais a atenção deles. Então, a partir da terceira sessão, introduzimos a bola mágica e o violão. Obtivemos um progresso significativo em relação à atenção deles ao utilizarmos esses recursos.

Nas sessões seguintes, notamos o desenvolvimento dos estudantes e percebemos que eles já estavam se sentindo confortáveis com a nossa presença e foram perdendo a timidez a partir do sexto encontro.

No oitavo encontro, realizado dia 15 de abril, em meio à intervenção com os estudantes, observamos que uma estudante começou a audiar. Nós procurávamos sempre focar em uma criança específica para observá-la e, nesse dia, ao realizar o movimento de fechar a bola, nós não começamos a cantar e esperamos que as crianças o fizessem. Nisso observamos que essa criança voltou a cantar no tempo certo. Notamos, também, que aqueles estudantes faltosos, quando estavam presentes, atrapalhavam a concentração das outras crianças.

A partir do décimo encontro, introduzimos outras músicas como, por exemplo, O jacaré¹⁰, Quem dorme é o Leão¹¹, para que os estudantes audiassem. Em algumas sessões, observamos que eles não se concentravam e não rendiam o que era esperado. Nesses dias, geralmente, eram dias

⁹ Música de domínio público.

¹⁰ Música de domínio público.

¹¹ Música de autoria do cantor sul-africano Solomon Linda.



atípicos na instituição, ou seja, quando havia alguma apresentação na escola ou na sexta-feira, que era o dia do brinquedo. Também notamos que a grande dificuldade deles era prestar atenção na bola mágica, pois os comandos eram dados pela pesquisadora abrindo e fechando a bola.

Na 11ª sessão, todos seguiram o comando corretamente e ouviram logo na primeira tentativa. Ao longo dos encontros, fomos percebendo o desenvolvimento de todos os estudantes e, a partir do 15º, não obtivemos dificuldades e todos seguiam os comandos corretamente e já ouviam as músicas propostas.

Antes de iniciar a proposta de intervenção, foi solicitado à professora regente a “Sondagem diagnóstica inicial” dos estudantes sobre os seus conhecimentos (escrita do nome com o auxílio da ficha e sem esse auxílio, letras do alfabeto e números até 10), para se fazer uma comparação com o próximo diagnóstico que seria realizado ao final da intervenção.

Ao finalizarmos as sessões, a professora regente selecionou cinco¹² estudantes e realizou uma nova avaliação diagnóstica, utilizando o mesmo material do primeiro diagnóstico. Dentre esses cinco estudantes, observou-se uma discrepância no nível em que cada um se encontrava.

Um deles estava bem avançado em comparação aos outros. Ele escreveu o primeiro nome muito bem, mesmo sem ficha e demonstrou conhecer todas as letras do alfabeto e os números até 10. Outros três estudantes apresentaram um nível médio, conseguiram melhorar a escrita do nome e seu repertório de conhecimento de letras. Um deles até começou a escrever o nome corretamente, algo que ele não conseguia realizar antes. A última criança se encontrava em um nível mais crítico, em que não tinha nenhum conhecimento sobre a escrita, o nome era representado com pequenos riscos, quase pontos e, no novo diagnóstico, apresentou uma pequena evolução na qual se vê a tentativa de escrever letras.

¹² O critério utilizado pela professora para a seleção se deu em relação ao nível de aprendizagem em que eles se encontravam, sendo três estudantes em um nível aquém do esperado e dois em um nível de acordo com a idade.



Considerações Finais

A pesquisa teve como objetivo investigar como a Audição pode beneficiar a Consciência Fonológica no processo de alfabetização de estudantes na Educação Infantil. Por meio da análise das sessões e dos diagnósticos, foi possível compreender mais sobre como esse processo funciona na prática.

Os resultados assinalam que Audição e Consciência Fonológica são temas sobre os quais os profissionais necessitam se aprofundar e que a Audição beneficia a Consciência Fonológica, o cognitivo e a coordenação motora. Esse estudo contribui para a área da educação, oferecendo novas perspectivas sobre a alfabetização.

A proposta de iniciar o processo de intervenção com a formação dos profissionais foi muito eficaz, pois, de acordo com os estudos realizados, o processo de Audição pode ser praticado desde os primeiros anos de vida. Então, todos os profissionais podem usufruir dessa prática. Esse processo é gradativo, logo é necessário que os estudantes estejam inseridos nessa prática desde o início da Educação Infantil para que cheguem na pré-escola com a Audição estimulada e desenvolvida, beneficiando, assim, sua Consciência Fonológica e, conseqüentemente, o seu processo de alfabetização.

As implicações práticas deste estudo são perceptíveis, especialmente em relação à utilização da teoria na prática. Teoricamente, este trabalho expande a compreensão da Teoria da aprendizagem musical ao demonstrar que a Audição se faz presente a todo instante de nossas vidas. Então, conclui-se que audiar é benéfico para a Consciência Fonológica, pois o processo de pensar os sons ocorre perfeitamente dentro dos exercícios. É nítido que esse desenvolvimento também depende de uma prática contínua e gradual visando, em longo prazo, o desenvolvimento do estudante no sentido de ouvir o som a sua volta e aprender a dominar o processo de audiar esses sons.

Não devemos esquecer que o processo anterior ao que o estudante foi submetido é sempre relevante para determinar a forma de como o profissional irá trabalhar, levando em consideração também os fatores externos, ou seja, para além da escola. Isso nos mostra que estamos no caminho ao pensar “fora



da caixinha” e trazer algo novo, surpreendente e prazeroso para dentro do contexto pedagógico.

Apesar das contribuições significativas, esta pesquisa apresenta algumas limitações. Primeiramente, a grande dificuldade de encontrar obras de autores, o que pode ter impactado no estudo realizado. Além disso, o curto período de tempo não permitiu um resultado mais relevante, pois só foram 20 sessões de prática. Reconhecer essas limitações é relevante para interpretarmos os resultados.

Em resumo, este estudo fornece *insights*¹³ valiosos sobre a alfabetização, destacando a importância da Audição e sua relação com a Consciência Fonológica. Espera-se que o estudo contribua para a educação, em especial, para os professores, pois essa prática depende deles em sala de aula. Contamos, ainda, que este estudo inspire novas pesquisas nessa área promissora.

Referências

ALMEIDA, R. G. **Consciência fonológica no processo de aquisição da leitura e da escrita**. Dissertação, Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Letras. Uberlândia, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/23693>>. Acesso em: 13 abr. 2024.

ALVES, K. U. O que é consciência fonológica. *In*: LAMPRECHT, R. R. **Consciência dos sons da língua**: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=4ocyKLIhJ8C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 16 abr. 2024.

ASSOCIAÇÃO MUSICAL SUZUKI (AMS). **Metodologia Suzuki**. 2024. Disponível em: <<http://www.associacaomusicalsuzuki.com.br/metodologia-suzuki/>>. Acesso em: 20 abr. 2024.

BARRERA, D. S.; MALUF, R. M. Consciência metalinguística e alfabetização: um estudo com crianças da primeira série do Ensino Fundamental. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 3. p. 491-502, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/prc/a/Xf7Z67CW6vLTBYfkRmcGCYc/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

¹³ Um *insight* é um acontecimento cognitivo que pode ser associado a vários fenômenos, podendo ser sinônimo de **compreensão, conhecimento, intuição** (Enciclopédia significados, 2024).



BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Senado Federal, 1996. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>>. Acesso em: 23 ago.2023.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI).** Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, v. 3. Conhecimento de Mundo, 1998.

CANECA, G. L. **Teoria de aprendizagem musical: definindo conceitos.** Associação brasileira de educação musical, 2020. Disponível em: <<https://www.abem-submissoes.com.br/index.php/RegCO2020/centro-oeste/paper/viewFile/628/274>>. Acesso em: 23 de nov. 2023.

CAPOVILLA, A. G. S.; CAPOVILLA, F. C. **Efeitos do treino de consciência fonológica em crianças com baixo nível sócio-econômico.** Scielo, 2000. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/prc/a/hjw35SdqgzJ6w4LQtxzYVPk/>>. [Acesso em: 23 nov. 2023.](#)

CARDOSO, P. B. O sistema da linguagem na mente e no cérebro humano. **Revista da ABRALIN**, v. 19, n. 2, p. 1–4, 2020. Disponível em: <<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1419>>. Acesso em: 27 out. 2023.

CHIARELLI, M. K. L.; BARRETO, J. S. A Importância da musicalização na educação infantil e no ensino fundamental. **Revista Recre@rte**, Nº 3, jun. 2005. Instituto Catarinense de Pós-Graduação Disponível em: <<http://web.archive.org/web/20160826201130/http://www.iacat.com/Revista/recrarte/recreate03/musicoterapia.htm>>. Acesso em: 04 maio 2024.

COSTA, G. R. **Consciência fonológica em adultos da EJA.** Dissertação, Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras. Salvador, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/10283/1/Renata%20Gomes%20da%20Costa.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2024.

ENCICLOPÉDIA SIGNIFICADOS. **Feedback positivo e negativo.** Disponível em: <<https://www.significados.com.br/feedback/>>. Acesso em: 02 jun. 2024.

ENCICLOPÉDIA SIGNIFICADOS. **O que significa *insight*.** Disponível em: <<https://www.significados.com.br/feedback/>>. Acesso em: 02 jun. 2024.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, D.R.; SILVA, O. A. G. V. Influência de Jerome Bruner na teoria da aprendizagem musical de Edwin Gordon. *In: XV Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM)*, Brasília, 2005. Disponível em: <https://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2005/sessao2/ri_cardo_freire_veronica_gomes.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2024.



GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GORDON, E. E. **Teoria de aprendizagem musical: competências, conteúdos e padrões**. 2. ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo brasileiro de 2022**. Distrito Federal: IBGE, 2023. Disponível em: <<https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>>. Acesso em: 28 mai. 2024.

MARCONI, M. de A; Lakatos, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MORAIS, G. A. **Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

MOTA, P. E. M. M.; CASTRO, R. N. **Alfabetização e consciência metalinguística: um estudo com adultos não alfabetizados**. Scielo, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/JFTR9fwP7v6KTjGrqs5wvPn/?lang=pt>>. Acesso em: 21 abr. 2024.

OLIVEIRA, G. R. **Proposta de implementação da teoria de aprendizagem musical de Edwin Gordon na educação infantil de acordo com os parâmetros da BNCC**. Dissertação, Pós-Graduação Música em Contexto do Departamento de Música, Mestre em Música, Universidade de Brasília. Brasília, 2021. Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/42631/1/2021_RafaelGalv%C3%A3odeOliveira.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2024.

OLIVEN, R. G.; FARIA, L. S. P. de; DAMO, A. S. **Da arte de imitar**. Scielo, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/a/j9mF7rFTynbFpJkwGrTcZWN/?lang=pt#>>. Acesso em: 21 abr. 2024.

PAIVA, A. de. **Os olhos do corpo: percepção, sensorialidade e a NeuroArquitetura**. Neuroau. **Neuroau**, 27 maio 2019. <Disponível em: <<https://www.neuroau.com/post/os-olhos-do-corpo-percep%C3%A7%C3%A3o-sensorialidade-e-a-neuroarquitetura>>. Acesso em: 14 maio 2024.

PESTUN, M. S. V. *et al.* **Estimulação da consciência fonológica na educação infantil: prevenção de dificuldades na escrita**. Scielo, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/TVLG5wPsLFpWCBcYyWKz3ZP/>>. Acesso em: 23 nov. 2023.

ROCHA, G. **Correspondência grafofonêmica**. Glossário Ceale. Disponível em: <<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/avaliacao-diagnostica>>. Acesso em: 29 mai. 2024.

SARTEL, M. **Aliteração**. Mundo Educação. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/gramatica/aliteracao.htm>>. Acesso em: 04 maio 2024.



SILVA, A. C. T. Glossário Ceale. **Correspondência grafofonêmica**. Disponível em: <<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/correspondencia-grafofonemica>>. Acesso em: 04 mai. 2024.

SLOBODA, A. J. **A mente musical**: a psicologia cognitiva da música. Londrina: Eduel, 2008. Disponível em: <<https://doceru.com/doc/x1s1ecc>>. Acesso em: 30 nov. 2023.

SOARES, M. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2022.

SOARES, M. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

THE GORDON INSTITUTE FOR MUSIC LEARNING (GIML). **Audição.**, 2023. Disponível em: <<https://giml.org/mlt/audiation/>>. Acesso em: 04 out. 2023.

TIEPPO, C. **Uma viagem pelo cérebro**: a via rápida para entender Neurociência. Conectomus, 2019. Disponível em: <<https://doceru.com/doc/1v855vs>>. Acesso em: 15 nov. 2023.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Aumenta em 1 milhão o número de crianças de 6 e 7 anos não alfabetizadas, na percepção dos responsáveis**. 2022. Disponível em: <<https://todospelaeducacao.org.br/noticias/aumenta-em-1-milhao-o-numero-de-criancas-nao-alfabetizadas/>>. Acesso em: 28 maio 2024.

TRIPP, D. **Pesquisa-ação**: uma introdução metodológica. Scielo, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQqyq5bV4TCL9NSH/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 25 maio 2024.

Sobre os Autores

Antônio César Machado da Silva

antonniocesar@hotmail.com

Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Atualmente é professor titular da disciplina Metodologia da Pesquisa, Iniciação Científica e Trabalho de Conclusão na Faculdade de Ensino Superior de Linhares (FACELI) e da Secretaria Estadual de Educação - SEDU/ES.

Grazielly Fraga dos Santos

grazyyfraga@gmail.com

Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Ensino Superior de Linhares (FACELI). Atualmente, exerce o cargo de monitora efetiva de educação infantil na Prefeitura Municipal de Linhares.



Márcia Perini Valle

marciapvalle@gmail.com

Mestre em Educação, Administração e Comunicação pela Universidade São Marcos (SP). Psicopedagoga e Pedagoga formada pela Faculdade de Ciências Aplicadas Sagrado Coração (ES). Atualmente é professora efetiva da Faculdade de Ensino Superior de Linhares (FACELI) e pedagoga aposentada da Educação Infantil na Prefeitura Municipal de Linhares.

505

Vinicius Firme Scaldaferrro

vini.firme.s@gmail.com

Graduado em Pedagogia pela Faculdade de Ensino Superior de Linhares (FACELI).

